

ARQUÉTIPOS, HEROÍSMO E ALTERIDADE EM O BOM DRAGÃO, DE SANTIAGO VILLELA MARQUES

Lany Link Bezerra Moura¹

RESUMO

Este artigo tem por finalidade analisar e identificar no conto O Bom Dragão, de Santiago Villela Marques, o percurso do herói-dragão Azulino em busca de sua alteridade à luz da teoria de Campbell, assim como os arquétipos que constituem o conto. Os estudos de Jung, sobre arquétipos, servirão para que possamos apontar como se constitui essa faceta do inconsciente coletivo na tecitura do conto.

Palavras-chave: O Bom Dragão, alteridade, heroísmo, Santiago Villela Marques.

Introdução

O conto O Bom Dragão foi publicado no ano de 2010, no livro que contém uma coletânea de contos infantis contemplados pelo Prêmio SESC (Distrito Federal) de Contos Infantis Monteiro Lobato, que após sua instituição em 2004, hoje é considerado um dos prêmios mais renomados do Brasil.

O Bom Dragão ficou em primeiro lugar nessa edição do prêmio e nesse conto podemos contar com um universo rico em metáforas de uma forma que nos leva a perceber e pensar de como pode ser complexo contos feito para o público infantil e juvenil.

Além de mergulhar no mundo fantástico recheado por seres que transitam no mundo encantado e cheio de magia – não percebido pelo mais incrédulos por não poder servexplico no mundo terreno, O Bom Dragão (2010) é uma imersão em si mesmo e em sua narrativa traz nuances que ilustram a jornada do herói em busca de sua alteridade.

Segundo Todorov (2008, p. 31):

O fantástico ocorre nessa incerteza; [...] O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobre natural.

¹Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Sinop; Graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus Sinop; E-mail: lanylinkletras@gmail.com

O conceito de fantástico se define pois com relação aos de real e de imaginário: e estes últimos merecem mais do que uma simples menção. [...] Há um fenômeno estranho que se pode explicar de duas maneiras, por meio de causas de tipo natural ou sobrenatural. A possibilidade de se hesitar entre os dois criou o efeito fantástico.

A trama em *O Bom Dragão* dá-se pela jornada heroica de Azulino, trilhando seu caminho com o intuito de resgatar e salvar os irmãos Cebola, Pimenta e Mostarda, que vivem a fazer maldades por onde voam, da “promessa” de um ser muito poderoso que o surpreendeu num sonho e diz que exterminará os dragões da face da terra; assim, Azulino traça seu percurso sem se desvencilhar de seus medos, angústias e incertezas quanto a sua busca.

À luz das teorias de Campbell (1997) e Jung (2000), construiremos um olhar de como a visão arquetípica e heroica de Azulino se arquitetam no corpo do conto e assim passear pelos bosques e florestas encantados que povoam o mundo desses dragões coloridos, mas que vivem as angústias gris do mundo humano.

O Bom Dragão, o arquétipo do herói e o inconsciente coletivo

Está construída em nosso inconsciente coletivo a imagem universal de que o herói supera desafios, enfrenta obstáculos, pensa em desistir em dados momentos, mas acaba lutando até o final, atingindo seus objetivos. Ou seja, o herói é aquela personagem que parece ser perfeito, mas não é. Na realidade ele é um complemento de opostos, há tanto luz como sombra no herói e ele vivencia esse – se é que podemos chamar assim – conflito intensamente.

Segundo Jung (2000):

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode se distinguir de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (Ibid., p. 53)

Essa construção de imagens é feita pela tradição cultural e afasta-se cada vez mais do aspecto individual. Ainda, segundo Jung (Ibid. p 88), sobre a criação dessas imagens:

Deve tratar-se de formas de função as quais denominamos “imagens”. “Imagens” expressam não só a forma da atividade a ser exercida, mas também, simultaneamente, a situação típica na qual se desencadeia a

atividade. Tais imagens são “imagens primordiais”, uma vez que são peculiares à espécie, e se alguma vez foram “criadas”, a sua criação coincide no mínimo com o início da espécie. O típico humano do homem é a forma especificamente humana de suas atividades. O típico específico já está contido no germe. A ideia de que ele não é herdado, mas criado de novo em cada ser humano, seria tão absurda quanto a concepção primitiva de que o Sol que nasce pela manhã é diferente daquele que se põe na véspera.”

No conto O Bom Dragão, Azulino é o nosso herói que pretende atingir seu objetivo através de sua epopeia, que após um sonho em que um “ser superior” aparece e o compele a sair de sua casa – sua zona de conforto, para enfrentar as agruras do mundo exterior, e assim salvar seus irmãos, também dragões, Pimenta, Mostarda e Cebola:

Um dia Azulino teve um sonho. Nesse sonho, um ser muito poderoso aparecia zangado com os dragões e decidira acabar com eles. Queria livrar o mundo de sua maldade.

Azulino acordou muito assustado com o pesadelo. Preocupado com os irmãos, tomou coragem e saiu da caverna. Queria prevenir os Dragões Vermelho, Amarelo e Verde. (MARQUES, 2010, p. 11)

Com todas as virtudes do arquétipo heroico devemos lembrar das dualidades que circundam essa personalidade; Campbell (1997, p. 50) reitera quando diz que “Céu e inferno estão dentro de nós, e todos os deuses estão dentro de nós.” Assim, podemos construir a interpretação de que o herói do nosso conto, Azulino, tem em si aspectos que exultam o medo e coragem, o bem e o mau. Essas nuances ficam bem claras quando, no início do conto, é mencionado que “Não é verdade que dragão sempre foi bicho mau! Nem todo dragão se diverte queimando plantação. Quem não sabe disso não conheceu Azulino, o Dragão Azul.” (MARQUES, 2010, p. 10) Infere-se do texto que dragão tem o comportamento ruim, logo, é mau e merece a extinção.

Essas dualidades fazem com que o heróis se aproximem da essência humana, pois faz parte do homem ser bom e ruim ao mesmo tempo; ainda, segundo Campbell (1997, p. 166 – 168), esse herói humano deve “descer” para restabelecer a conexão com o infra-humano, pois aí reside o sentido da sua aventura. Essa “descida” é a sucumbência à substância mundana e a admissão dos aspectos que estão instaurados na *anima* humana.

O Bom Dragão, Azulino, aventura-se por um mundo que não conhecia, por isso o temia – (temor, mais uma faceta humana), mesmo assim foi levado a desbravar esse universo, com o intuito de não ser somente o heróis de sua vida, mas também, da vida de seus irmãos. Sobre essa façanha: a de sonhar, acordar, sair de sua comodidade, arriscando sua existência nos escusos e desconhecidos possíveis caminhos, Jung (2000), discorre:

Revista de Letras Norte@mentos

O sonhador então acorda. Aqui também ele almeja alcançar alturas luminosas, mas depara primeiro com a necessidade de mergulhar numa profundidade escura, que se revela como condição indispensável para uma ascensão maior. O homem prudente percebe o perigo nas profundezas e o evita, mas também desperdiça o bem que conquistaria numa façanha corajosa, embora imprudente. (Ibid., p. 27)

Assim começa a aventura de Azulino e sua jornada em busca da salvação, não somente de sua espécie, bem como, do possível e esperançoso resgate de suas bondades e virtudes perdidas entre as obscuridades da psique de características humanas.

Vale ainda destacar que na constituição da jornada do herói, o dragão é empregado como metáfora para exprimir a evolução do protagonista, pois o dragão, por sua indomada natureza e seu poder desmesurado, representa os problemas aparentemente intransponíveis; portanto, quando o herói é bom, ele vencerá o dragão. Ocorre que, segundo Jung (1997), em alguns casos dragão e herói são os mesmos, sendo assim, podem se confundir:

Essa explicação se dá pela fase de diferenciação do ego através do mito do herói e do dragão, mitos em que o herói sempre tem de matar o dragão, de forma que muitas vezes o herói e o dragão se confundem, como se fossem a mesma pessoa, [...] confusão essa que se assemelha ao que Lacan chama de desejo de *ser fálus*, ou seja, no primeiro momento a criança deseja ser tudo para sua mãe respondendo à hiância de seu ser, antes do advento de um pronome que lhe distinga e de uma lei que o arrancará das garras do narcisismo da mãe o neonato e a mãe são um só, indiferenciados. A criança sente – se como uma víscera, como diz Winnicott (1989, p. 35) assim “eu e outro” são um só. A palavra dragão vem da raiz latina *draco* que significa cobra, que por sinal, é um dos símbolos fálicos por excelência, dragão e cobra significando *fálus* poderia nos dar um bom e promissor labor intelectual. (Ibid., p. 93)

Dessa forma, ao ter a necessidade de matar/superar o dragão, o herói se desvencilha de uma importante parte da formação de sua personalidade: os cuidados maternos, para poder ganhar asas e dar vazão ao espírito aventureiro que lhe é iminente.

O percurso de Azulino: o Dragão Herói

Conforme a teoria de Campbell (1997), que destaca dezessete (17) estágios entre o herói e sua alteridade, será expressa a jornada heroica de Azulino:

O primeiro grande estágio, o da separação ou partida, [...] com cinco subseções: 1) “O chamado da aventura”, ou os indícios da vocação do herói; 2) “A recusa do chamado”, ou a temeridade de se fugir do Deus; 3) “O auxílio sobrenatural”, a assistência insuspeitada que vem ao encontro

daquele que leva a efeito sua aventura adequada; 4) “A passagem pelo primeiro limiar”; e 5) “O ventre da baleia”, ou a passagem para o reino da noite. [...]

O estágio das provas e vitórias da iniciação [...] em seis subseções: 1) “O caminho de provas”, ou o aspecto perigoso dos deuses; 2) “O encontro com a deusa” (*Magna Mater*), ou a bênção da infância recuperada; 3) “A mulher como tentação”, a realização e agonia do destino de Édipo; 4) “A sintonia com o pai”; 5) “A apoteose”; e 6) “A bênção última” [...]

Concluirá a discussão dessas perspectivas sob seis subtítulos: 1) “A recusa do retorno”, ou o mundo negado; 2) “A fuga mágica”, ou a fuga de Prometeu; 3) “O resgate com ajuda externa”; 4) “A passagem pelo limiar do retorno”, ou o retorno ao mundo cotidiano; 5) “Senhor dos dois mundos”; e 6) “Liberdade para viver”, a natureza e função da bênção última. (Ibid., pp. 20 – 21, grifo nosso)

Parafraseando Campbell (Ibid., p 17 – 18), em sua jornada, o herói, precursor de uma aventura mitológica, tece de forma magnânima os rituais de passagem: separação – iniciação – retorno – considerando a unidade nuclear do monomito. Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas — forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.

Em *O Bom Dragão* o nosso herói marca bem esses ritos; podemos perceber que em seu primeiro estágio, tomado pela descrença e incertezas, Azulino segue seu destino e à proporção que a trama ganha fundo duvidoso, brota em Azulino nuances pertinentes às características humanas: medo, ânsia e o desejo de salvar os irmãos.

O herói se aproxima dos humanos, ao mesmo passo que se aproxima dos deuses; essa aproximação entrará em contradição com seu destino com traços humanos e mortal, criando uma duplicidade em seu caráter e o tornando propenso ao descomedimento. Essa ascendência divina do herói vai assim se manifestar como uma espécie de “faca de dois gumes”.

Afixando-se entre o divino e o humano, o herói desfruta de um caráter ambíguo, contraditório e muitas vezes até corrompido. Este caráter ambíguo levará provar eventualidades marcadas de infortúnios e vitórias, condenado assim, a falhar ou fazer conquistas incomensuráveis. A trajetória do herói é advertida por eventualidades Toda a carreira do herói é ameaçada por situações fronteiriças e repreensoras.

O primeiro ciclo: a partida de Azulino

Quando Azulino parte ao “chamado da aventura”, que se pode pontuar no evento que mudará a vida do herói, surge uma situação que o tirará de seu conforto e o lançará ao desconhecido:

Revista de Letras Norte@mentos

“Um dia, Azulino teve um sonho. Nesse sonho, um ser muito poderoso aparecia muito zangado com os dragões e decidia acabar com eles. Queria livrar o mundo de sua maldade. Azulino acordou muito assutado com o pesadelo.” (MARQUES, 2010, p. 10, grifo nosso)

Esse excerto exalta a instigação a Azulino por sair de sua caverna e se aventurar ao mundo, que para Campbell (1997, p. 31), é o primeiro ato da partida do herói.

Como manifestação preliminar dos poderes que estão entrando em jogo, o sapo, que surgiu como por milagre, pode ser considerado o “arauto”; a crise do seu aparecimento é o “chamado da aventura”. A mensagem do arauto pode ser viver, como ocorre no exemplo em questão, ou, num momento posterior da biografia, morrer. Ele pode anunciar o chamado para algum grande empreendimento histórico, assim como pode marcar a alvorada da iluminação religiosa.

É recorrente em cada ato, quer seja da partida, iniciação ou retorno, o aparecimento de dúvida e medos, sentimentos que cercam a alma humana do herói, embora tido como dragão e, por ser assim, corajoso.

Em “a recusa do chamado”, recorreremos à recalcitrância de Azulino, pois, apesar da necessidade, do chamado, o herói ainda se recusa em segui-lo, talvez por medo, por conformismo ou por não ser atraente a jornada.

Era um dia de primavera. Azulino ficou encantado com a variedade de cor e perfume que decorava a mata e os campos. Nunca tinha visto coisa tão linda. [...]
Andou só um pouquinho e encontrou uma terra completamente devastada. Parecia um deserto. Espetados no chão, só restavam os tocos das árvores. Os tocos estavam todos pretos, tinham virado carvão. A terra estava toda coberta de cinzas. (MARQUES, 2010, p. 10)

O que se infere do texto, e que podemos afirmar sobre a dúvida de Azulino, é a sua reação de tristeza e espanto depois de ver a desatação da natureza pela maldade dos irmãos. A “recusa do chamado”, segundo Campbell (1997), tem a ver com incertezas do herói: pode hesitar em aceitar ou declinar ao chamado. No caso de Azulino esse declínio se dá com a dúvida de deixar, ou não, os irmãos, Pimenta, Mostarda e Cebola, sofrerem as sanções prometidas pelo “ser muito superior”, já que suas ações só trazem ruína, maldade, medo e morte aos demais seres, sendo assim, uma ameaça às vidas.

Com frequência, na vida real, e com não menos frequência, nos mitos e contos populares, encontramos o triste caso do chamado que não obtém resposta; pois sempre é possível desviar a atenção para outros interesses. A

recusa à convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. Aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela “cultura”, o sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado e se transforma numa vítima a ser salva. Seu mundo florescente torna-se um deserto cheio de pedras e sua vida dá uma impressão de falta de sentido — [...] Tudo o que ele pode fazer é criar novos problemas para si próprio e aguardar a gradual aproximação de sua desintegração. (Ibid., p. 35)

Há, também, um desvio desse chamado, que na aventura de Azulino se estabelece no seu encanto pela natureza, vista por ele pela primeira vez e, conseqüentemente, o desencanto pelos irmãos.

No “auxílio do sobrenatural” é comum, nesta etapa, a presença de figuras mestras, que dão ao herói segurança e conselhos para atingir sua meta.

Para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora (que, com frequência, é uma anciã ou um ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se. [...] Essa figura representa o poder benigno e protetor do destino. (Ibid., pp. 39 – 40)

Na aventura do nosso bom dragão, esse auxílio aparece de forma motivadora, quando “um ser superior” aparece e diz que vai acabar com os dragões por sua maldade; sendo assim, esse é o marco para a partida e auxílio à jornada de Azulino: “Preocupado com os irmãos, tomou coragem e saiu da caverna. Queria prevenir os Dragões Vermelho, Amarelo e Verde.” (MARQUES, 2010, p. 10).

Embora com medo, Azulino foi instigado por essa promessa que desatinou seu sossego, sua alma e comprometeu a existência de sua espécie.

“A passagem pelo primeiro limiar” se firma na figura do guardião, metafórico ou não, comum nas narrativas míticas, que tem a função de defender o portal que separa o herói da experiência. Como afirma Campbell (1997, pp. 45 – 46):

Tendo as personificações do seu destino a ajudá-lo e a guiá-lo, o herói segue em sua aventura até chegar ao “guardião do limiar”, na porta que leva à área da força ampliada. [...] A pessoa comum está mais do que contente, tem até orgulho, em permanecer no interior dos limites indicados, e a crença popular lhe dá todas as razões para temer tanto o primeiro passo na direção do inexplorado.

No conto o portal que o separa Azulino de sua jornada, e seu grande desafio, é o medo! Pois mal saía de casa para não machucar os demais. Desprender-se do seu cotidiano e ir em

busca dos irmãos seria a façanha que levaria Azulino aos pés desse portal. Logo, vencendo, ou convivendo com este, poderia dar ouvidos ao seu chamado.

Azulino tinha medo de machucar os outros e nunca saía de casa, ele passava o dia inteiro na caverna brincando sozinho.

Às vezes, arriscava abrir uma fresta da porta e meter fora o nariz para respirar um pouco de ar fresco. Mas, era só ver alguém passando que logo se encolhia de novo. Vai que assustasse o viajante com sua cara de dragão ou queimasse um bichinho inocente com seu bafo de fogo! (MARQUES, 2010, p. 10, grifo nosso)

Além dos limites que o medo impunha a Azulino, rogando-lhe trevas e perigo, nosso herói se sobrepôs às angústias que lhe circundavam e seguiu a sua pretensa travessia.

No “ventre da baleia”, exilado do cotidiano, o herói passa por um processo de internalização. Ele passa do portal do limiar, tem a sensação de que morre, quando na verdade o que ocorre é seu renascimento. Ele não se rende diante a força do limiar, ou tenta conquistá-lo, em vez disso, joga-se ao desconhecido, e de olhos fechados assume sua morte, ainda que metafórica, para olhar para si, rever seus parâmetros, sua vida seus anseios. Segundo assinala Campbell (1997, p. 55), “Esse motivo popular enfatiza a lição de que a passagem do limiar constitui uma forma de auto-aniquilação.”

Azulino faz essa transição quando conhece os demais bicho da floresta que, por sua vez, estão amedrontados com as malvadezas que Pimenta, Mostarda e Cebola aprontavam.

De repente, Azulino ouviu um grito:

– Corram, camaradas! Vai ter confusão! Mais casas serão torradas! Vem aí outro dragão.

Detrás dos tocos enfumaçados, levantou um bando de andorinhas, voando e gritando bem alto. Uma só não pôde fugir. Tinha a asinha queimada.

[...]

O Dragão Azul sentiu vergonha do seu irmão, o Dragão Amarelo. Ofereceu ajuda para as andorinhas.

[...]

Então, encontrou um coelho desconsolado. O bichinho peludo olhava o sol, que ardia num céu limpo e azul. Azulino nunca tinha visto um coelho. Vendo esse tão parado e quieto, o dragão perguntou:

– Por que está tão mudo, Senhor Bicho Orelhudo? Quando viu que estava na frente de um dragão, o coelho deu um grito enorme e correu para o buraco.

Azulino ficou tossindo na nuvem de poeira deixada no rastro do rápido coelho. O Dragão Azul botou a cabeça na toca e gritou lá dentro:

– Senhor Bicho Orelhudo, não tenha medo de mim! Sou grande e meio pançudo, mas não sou um bicho ruim.

– Que é isso, emu velho! Veja a situação! Eu sou um coelho, você um dragão!

[...]

Azulino ficou com vergonha da maldade do seu irmão Pimenta.

[...]

Na beira da montanha, um sapo tinha um palmo de língua para fora. Como se estivesse chorando, o sapo coaxava com tristeza.

Quando viu o dragão, o sapo ficou ainda mais desanimado, mas não mexeu nem uma patinha. Não conseguia sair do lugar, pois estava muito cansado e com sede.

[...]

O sapo explicou:

– Chegou aqui ao meu brejo Cebola do bafo bem quente. No brejo fresquinho deu um beijo, deixando meu brejo fervente. Eu me molhava na água fria, até chegar o Cebola. A água, que então eu bebia, agora quem vai repô-la?

O Dragão Azul quase mudou de cor, de tanta vergonha por causa do comportamento do seu irmão verde. (MARQUES, 2010, pp. 11 – 14)

Azulino, então, olha para si, sente vergonha de sua espécie e percebe o quanto é ameaçadora aos outros habitantes da floresta. Nesse olhar para si, Azulino decide reconstruir a figura do dragão diante o olhar dos bichinhos, que ora tido com um bicho ameaçador, agora é o salvador das espécies ameaçadas.

Esse renascimento, no ventre da baleia, faz a figura de Azulino – um representante dos dragões, reviver de forma amigável àqueles que, em outrora, fora imagem tão amedrontadora, uma amigável e bem-vinda *persona*. Dessa forma, o renascimento, a purificação uterina, não suscitou apenas vida nova a Azulino, por si, aos seus olhos, mas também ao fitar da bicharada sobre o nosso herói.

Campbell (1997, pp. 50 – 51), sobre o aninhar no ventre da baleia:

Ilustram o fato de o devoto, no momento de entrar num templo, passar por uma metamorfose. Sua natureza secular permanece lá fora; ele a deixa de lado, como a cobra deixa a pele. Uma vez no interior do templo, pode-se dizer que ele morreu para a temporalidade e retornou ao Útero do Mundo, Centro do Mundo, Paraíso Terrestre. [...] Portanto, alegoricamente, a entrada num templo e o mergulho do herói pelas mandíbulas da baleia são aventuras idênticas; as duas denotam, em linguagem figurada, o ato de concentração e de renovação da vida.

A iniciação do heroísmo de Azulino: provações e bênçãos

Na primeira parte do segundo ciclo, o da iniciação, em “o caminho das provas” o herói passa por um processo de metamorfose e vivencia provações.

Nesse estágio o herói acabara de cruzar o limiar e o ventre da baleia e, de alma nova, está pronto para desbravar o misterioso destino. O bom dragãozinho com o auxílio dos que foram ajudados por ele consegue, com êxito, provar seu valor heroico e através das mudanças que bem viveu inicia com louvor sua ascensão.

Vendo que o dragão era de paz, os passarinhos foram chegando devagarinho e lamentando seu azar. Todos tinham perdidos os ninhos. Agora não sabiam como chocar seus ovos.

Azulino teve uma ideia. Deitou enrolado no chão e formou uma espécie de ninho. Pediu que todos colocassem seus ovos no espaço vazio que tinha no meio do seu corpo enrolado. Como a barriga do dragão é puro fogo, os ovos ficaram quentinhos e começaram a se abrir. Dali saiu uma porção de filhotes de andorinha. Azulino cuidou deles, até que criassem penas e pudessem voar, como seus pais.

[...]

Azulino voou até o mar e soprou fogo sobre ele. Esquentada pelo fogo de Azulino, a água evaporou e formou nuvens grossas no céu.

O bom dragão abanou suas asas sobre as nuvens e empurrou todas elas para cima da horta do coelho. Pouco depois, já chovia sobre os canteiros. Devagar, começaram a despontar os primeiros brotinhos de cenoura e beterraba. Huuummm, que delícia!

[...]

Azulino subiu no pico da montanha. Viu que o que brilhava era neve. A montanha era muito alta e lá em cima fazia muito frio. O Dragão Azul soprou seu hálito quente e derreteu a neve. A água da neve derretida desceu a montanha como um rio gelado. E encheu o brejo aqui embaixo. Imediatamente a água do brejo esfriou. O sapo pôde mergulhar e se refrescar do calor. Muito contente e rindo à toa, o sapo agradeceu a Azulino. (MARQUES, 2010, pp. 11 – 14)

São muitas as aflições no caminho do herói, mas nesse ínterim, as provas também movem o herói por seu percurso e o faz atravessar com solidez seu caminho agreste. Azulino venceu a prova da essência de ser dragão e mostrou o “lado bom” de sua espécie; lado que até então era desconhecido, mas que na hora conflitante, mostrou que sua “gente” tem alteridade e pode ajudar os que lhes são diferentes.

Campbell (1997, p. 58) assegura que é um caminho tortuoso, que nele, no caminho, podemos ser devorados por nossa própria *psique*:

E assim é que se alguém — em qualquer sociedade — assumir por si mesmo a tarefa de fazer a perigosa jornada na escuridão, por meio da descida, intencional ou involuntária, aos tortuosos caminhos do seu próprio labirinto espiritual, logo se verá numa paisagem de figuras simbólicas (podendo qualquer delas devorá-lo)

Esse ritual de passagem, de provações, é um dos rituais mais citados nas buscas heroicas, pois há que haver essa metamorfose para que o herói cumpra sua sina — repetidas vezes. Havendo isso, haverá uma pluralidade de êxitos que antecederão à vitória, e bênção, final.

No segundo estágio, “o encontro com a deusa”, “a mulher representa, na linguagem

pictórica da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido e o herói é aquele que aprende.”, Campbell (Ibid. p. 65). Azulino tem como grande lição para sua vida o ato de ajudar os menores, os que precisaram de seus atos de heroísmo e coragem. Segundo a linha teórica de Campbell (1997), esse estágio se dá, também, por reconhecer que os animais a quem ajudou, embora menores que ele – o dragão, considerou suas presenças como importantes. Os animais não se curvaram a Azulino; ao contrário disso, Azulino curvou sua bondade à vida dos animais e se empenhou em ajudá-los.

Campbell (Ibid., p. 66) pontua essa harmonia como encontro com a deusa e desse encontro, dessa harmonia, se cria um legado de rei ao herói:

À medida que ele progride, na lenta iniciação que é a vida, a forma da deusa passa, aos seus olhos, por uma série de transfigurações: ela jamais pode ser maior que ele, embora sempre seja capaz de prometer mais do que ele já é capaz de compreender.
O herói que puder considerá-la tal como ela é, sem comoção indevida, mas com a gentileza e a segurança que ela requer, traz em si o potencial do rei, do deus encarnado, do seu mundo criado.

A entrada nesse estágio marca o início do encontro da alteridade de Azulino, pois, pondo-se no lugar do outro, sem subjugar-lo, o nosso herói traz a capacidade de confronto, elaboração e integração dos opostos que deve permear as vivências fraternais.

Em “a mulher (opositor) como tentação” o herói deve buscar o equilíbrio, sem cair nos extremos e perceber que seu opositor poderá sublimá-lo.

Azulino tem como principal opositor – levando em consideração que o herói tem muitos opositores, seu sentimento materno pelos irmãos, Pimenta, Mostarda e Cebola, já que Azulino os cuidava como filhos, e estes sempre fugiam de seus conselhos, por isso estavam, sempre evitando o dragãozinho azul.

Azulino ficava muito triste com o comportamento dos irmãos. Sempre que encontrava com eles, pedia que não fossem tão maldosos.
Mas os três dragões arteiros não gostavam de ouvir bons conselhos. Por isso, evitavam ficar em casa. Então, Azulino, o Dragão Azul, ficava ainda mais sozinho e triste. (MARQUES, 2010, p. 11)

Campbell (1997, p. 68), ressalta que “cabe ao indivíduo, tão somente, descobrir sua própria posição com referência a essa fórmula humana geral e então deixar que ela o ajude a ultrapassar as barreiras que lhe restringem os movimentos.” Assim, Azulino, ao encontrar os três malvados irmãos, não deixa que seus sentimentos o tire de seu caminho, mas os trata com

o devido sermão, chamando sua atenção para o perigo que os assola: “Azulino chegou a uma clareira, no meio de um bosque destruído e cheio de fumaça. Finalmente! Ali estavam os três dragões: o Vermelho, o Amarelo e o Verde. A primeira coisa que Azulino quis foi dar uma bronca nos irmãos malvados.” (MARQUES, 2010, p. 16)

Azulino, os irmãos, ao ouvirem “a voz”, ficam atordoados, mas com esperança; pois, “a voz” lhes dá uma esperança, portanto, nesse contexto, ocorre um outro estágio da iniciação do herói Azulino: “sintonia com o pai”, que ocorre uma ruptura decisiva com os valores passados (morte física ou metafórica), permitindo ao herói visualizar outras possibilidades no mundo; Marques (Ibid.), “A voz disse que tinha decidido acabar com a raça dos dragões. Mas mudou de ideia quando viu a bondade de Azulino. Por causa do Dragão Azul, decidiu poupar todos os dragões. Mas, para isso, eles só tinham que cumprir três tarefas.”

Essa esperança, proporciona Azulino uma sintonia com o pai, que despedido de sua carga hereditária – de mal por ser dragão, entrega-se ao pai em plenitude de interação. Para Campbell (1997, p. 81), sobre essa interação: “O herói transcende a vida, com sua mancha negra peculiar e, por um momento, ascende a um vislumbre da fonte. Ele contempla a face do pai e compreende. E, assim, os dois entram em sintonia.” O filho, Azulino, se entrega nos braços do pai e aceita o desafio, para assim agradá-lo.

Na “apoteose” o herói se torna livre para mudar seu nível de consciência. Azulino sente-se livre, pois já não está mais vinculado à maldade dos irmãos e assim poderá constituir uma vida livre de paradigmas que o negativavam.

Esse viés se dá, também, pela liberdade que Azulino terá de todo temor que o cercava; Campbell (Ibid., p. 83):

[...] esse ser divino é um padrão da condição divina que o herói humano atinge quando ultrapassa os últimos terrores da ignorância. Quando o envoltório da consciência tiver sido aniquilado, ele se torna livre de todo temor, além do alcance da mudança. Eis o potencial liberador que se encontra dentro de todos nós, e que todos podem alcançar — através do heroísmo [...]

Na “bênção última” ultrapassados os limites das imagens terrenas, o herói se confronta com o desafio final de transcender a simbologia dos ícones.

No conto ocorre quando Azulino, forte em sua jornada, ultrapassa os horizontes que o limita, transcende suas experiências; pois após ver os irmãos morrerem – na tentativa de conseguirem as prendas, Azulino pensa que também morrerá, mas é surpreendido pela ajuda da bicharada da floresta, seus novos amigos.

A primeira era trazer o ovo de ouro do pelicano que morava na montanha mais alta do mundo.

[...]

Mostarda cantou sua bravura e voou na direção do ninho que continha o ovo de ouro. Mas, como todos os dragões, o Dragão Amarelo era muito grande e pesado. Não dava para chegar ao pico da montanha mais alta do mundo. Por isso, no meio do caminho, Mostarda se cansou e despencou do alto do céu.

Com medo de sofrer o mesmo fim, Pimenta e Cebola não se arriscaram.

Azulino também estava assustado.

Mas as andorinhas, que assistiam tudo do alto, decidiram ajudar. Elas sentiam gratidão por Azulino ter salvado seus filhotes. Com suas asas leves, voaram até o ninho do pelicano e trouxeram o ovo de ouro para o Dragão Azul.

A segunda tarefa era encontrar o maior diamante do mundo, que brilhava com um sol, no centro da Terra.

[...]

Cebola sumiu numa caverna estreita, que ia dar no centro da Terra, bem lá embaixo.

Mas, como são grandes, os dragões são desajeitados. Com o seu corpo desengonçado, Cebola ia derrubando tudo quanto era parede no caminho. Acabou enterrado embaixo de um monte de pedras.

Azulino e Pimenta tiveram medo de ser enterrado como Cebola. Ficaram parados, tremendo as escamas de dragão. Nenhum deles tinha coragem de ir atrás do diamante gigante.

Vendo o sofrimento dos dragões, o coelho que Azulino tinha socorrido ofereceu prontamente sua ajuda. Com a delicadeza de bicho pequeno, entrou num buraco no chão. Pouco depois, trazia, numa sacola maior que ele mesmo, um diamante do tamanho de uma melancia.

A última tarefa era a mais difícil. Tinham que buscar, no fundo da lagoa mais profunda do mundo, a fantástica pérola negra. Era uma linda joia preta, mas tão preta que até o sol ficava escuro perto dela.

[...]

Mas a lagoa era tão funda que Pimenta sumiu para sempre. Como todo mundo sabe, dragão é feito de fogo por dentro. Não pode engolir nem um tiquinho de água. Pimenta engoliu muita água da lagoa e seu fogo apagou. Acabou-se o Dragão Vermelho.

Era o fim de todos os dragões. Azulino sabia que não podia entrar na lagoa para pegar a pérola negra. Ele seria apagado como o Pimenta. Então, o Dragão Azul começou a chorar. Mas apareceu, de repente, o sapo do brejo fervente, para tranquilizar o bom dragão. O sapo pulou na lagoa. Um pouquinho depois, botou a cabeça para fora da água. E cuspiu da boca uma espécie de pérola de uma negrura que ninguém nunca tinha visto. (MARQUES, 2010, pp. 15 – 17)

Campbell (1997, p. 91), arremata:

A agonia da ultrapassagem das limitações pessoais é a agonia do crescimento espiritual. A arte, a literatura, o mito, o culto, a filosofia e as disciplinas ascéticas são instrumentos destinados a auxiliar o indivíduo a ultrapassar os horizontes que o limitam e a alcançar esferas de percepção em permanente crescimento. Por fim, a mente quebra a esfera limitadora do cosmo e alcança

uma percepção que transcende todas as experiências da forma — todos os simbolismos [...]

Encerra-se, assim, o ciclo de iniciação de Azulino: o dragão bom que, embora medroso, aceitou seu chamado em busca de sua alteridade e foi coroado com heroísmo, dúvidas e ousadia.

O retorno do herói: a inquietude de sê-lo

O retorno do nosso herói ao seu cotidiano não é aceito à primeira vista; Campbell (Ibid. p. 114), “O círculo está completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria [...]”, porém o herói dragão está deprimido pela morte dos irmãos e parece não aceitar essa vitória, desvinculada da convivência e quase possível êxito dos irmãos.

O primeiro estágio desse ciclo é “a recusa do retorno”: o herói deve voltar e transmitir o conhecimento a seus pares, mas pela sua perda se recusava aceitar a nova realidade: “Os dragões estavam perdoados. Mas Azulino ficou ainda muito triste. Agora ele era o único dragão do mundo. Sentia saudade dos irmãos, mesmo sabendo que eles tinham sido malvados.” (MARQUES, 2010, p. 19, grifo nosso)

Contudo, através da “fuga mágica” e “o resgate com auxílio externo”, que envolve o auxílio e a presença ativa de outras personagens na narrativa – segundo e terceiro estágios do terceiro ciclo, Azulino recebe um auxílio para retornar ao cotidiano, ou seja, o “ser superior” o ajuda a se habituar à nova vida: “Com pena do Dragão Azul, o criador dos dragões levou Azulino para o céu.” (Ibid.).

Sobre esse aspecto Campbell (1997, p. 116 – 120) retoma:

Se o herói obtiver, em seu triunfo, a bênção da deusa ou do deus e for explicitamente encarregado de retornar ao mundo com algum elixir destinado à restauração da sociedade, o estágio final de sua aventura será apoiado por todos os poderes do seu patrono sobrenatural.

[...]

O herói pode ser resgatado de sua aventura sobrenatural por meio da assistência externa. Isto é, o mundo tem de ir ao seu encontro e recuperá-lo.

[...]

Ele tem de enfrentar a sociedade com seu elixir, que ameaça o ego e redime a vida, e receber o choque do retorno, que vai de queixas razoáveis e duros ressentimentos à atitude de pessoas boas que dificilmente o compreendem.

Assim, o exemplo de amizade e generosidade de Azulino seria o elixir de restauração,

presenteado através de Azulino, à sociedade a qual pertencia.

Inaugurando “a passagem pelo limiar do retorno”, temos a reentrada do reino místico ao cotidiano.

O “ser superior”, provando sua benevolência, com piedade de Azulino por sua tristeza, resolve fazê-lo um dragão colorido, pondo nele as cores de seus saudosos irmãos, Pimenta, Mostarda e Cebola, ou seja, vermelho, amarelo e azul: “E, para não sentir mais saudade dos irmãos Vermelho, Amarelo e Verde, o bom dragão foi transformado em num dragão colorido. Agora, sim, ele estava feliz, com a cor de todos os dragões no corpo.” (MARQUES, 2010, p.19) Azulino aceita sua vitória e sua perda e com isso volta a conviver bem consigo:

E a exploração dessa dimensão, voluntária ou relutante, resume todo o sentido da façanha do herói. Os valores e distinções que parecem importantes na vida normal desaparecem com a terrificante assimilação do eu naquilo que antes não passava de alteridade. [...] Mas a alma do herói avança com ousadia [...] Todavia, sempre deve restar, do ponto de vista da consciência vígil normal, uma certa inconsistência enigmática entre a sabedoria trazida das profundezas e a prudência que costuma ser eficaz no mundo da luz. (CAMPBELL, 1997, p. 124)

“Senhor de dois mundos” e “liberdade para se viver” – quinto e sexto estágios do ciclo do retorno, a mentalidade ampliada do herói leva-o a ter papel benéfico entre seus contemporâneos e sua liberdade renovada, o herói pode desfrutar de uma nova biografia pessoal e abrir-se para novas experiências.

Tem dia que ele sente falta dos amigos que deixou na Terra. Quando isso acontece, Azulino, o Dragão Colorido, desce para brincar com as andorinhas, o sapo e o coelho.

Mas ele continua com medo de queimar, sem querer, a pena de uma andorinha, a orelha do coelho, a pele fresca do sapo. Por isso só desce quando está chovendo.

E assim, quando chove, é só olhar para o céu. Dá para ver a cauda enorme de Azulino descendo das nuvens até o chão. Todo cheio de cores brilhantes, ele cumprimenta os amigos aqui embaixo. (MARQUES, 2010, p. 19)

Com a sua liberdade estabelecida Azulino tece seu novo hoje, transita entre os mundos, fantástico e terreno, e se torna senhor do seu destino, alcançando sua alteridade e resguardando, é claro, o devido cuidado com seus amigos.

A liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos, de passar da perspectiva da aparição no tempo para a perspectiva do profundo causai e vice-versa — que não contamina os princípios de uma com os da outra e, no entanto, permite à mente o conhecimento de uma delas em virtude do

conhecimento da outra — é o talento do mestre.

[...]

O homem, no mundo da ação, não mantém o vínculo que o situa no centro do princípio da eternidade se se mostrar ansioso por colher a recompensa de suas façanhas; mas se deixá-las, e aos seus frutos, aos pés do Deus Vivo, é por eles liberado, tal como o é, pelo sacrifício, das amarras do mar da morte. (CAMPBELL, 1997, pp. 130 – 133)

Afortunado pelo seu conhecimento, vivaz e livre em suas ações, e convicto de que de sua conduta será percebido pelos demais, o herói se constitui como veículo de seus próprios feitos, seja qual for seu trabalho, sua missão.

O ciclo da alteridade

O ciclo da alteridade, segundo Byington (1987), é aquele que na busca do seu desenvolvimento individual e egocêntrico o *Eu* esbarra no *Outro* e vê que não há caminho isolado. Uma mistura de “inferno são os outros”, de Sartre (1999, p. 117) que reza que enquanto *Eu* tenho a visão do *Outro*, e vice-versa, logo, serei inferno o *Eu* também; essa sentença é o limiar de um olhar e compreender o *Outro* como um igual, mas que também é diferente.

Com efeito, a característica da ipseidade é que o homem se acha sempre separado do que é por toda espessura do ser que ele não é. O homem se anuncia a si do outro lado do mundo, e volta a se interiorizar a partir do horizonte: o homem é um “ser das lonjuras”. (Ibid., p.118)

O início desse ciclo se dá pela frustração do *Eu* – Azulino, que se vê compelido a sair de sua caverna e ir em direção do diferente – seus irmãos; há uma insatisfação pessoal e nessa busca é desencadeado o encontro com o *outro*: as andorinhas, o coelho e o sapo.

Quando viu que estava na frente de um dragão, o coelho deu um grito enorme e correu para o buraco. Azulino ficou tossindo na nuvem de poeira deixada no rastro do rápido coelho.

[...]

O coelho pensou no que Azulino falou. Viu que fazia sentido. Pé ante pé, devagarinho, veio então para fora. Tremendo de medo, o coelho perguntou:

– Você não é como o outro, então?

– Que outro, quem é?

– Pimenta, o dragão! Ouvindo o nome do irmão, Azulino quis saber o que ele tinha feito. (MARQUES, 2010, p. 14)

Azulino tem uma interação com esses bicho e identifica neles seus problemas. Esse é um momento bem delicado, pois ao olhar para si, para suas mazelas, Azulino percebe o

quanto há do outro em sua personalidade.

O arquétipo da alteridade é o arquétipo que propicia à Consciência o encontro dialético com os opostos, através do qual a elaboração simbólica pode alcançar sua capacidade plena. Dialética aqui significa que os pólos de todas as polaridades podem se relacionar em oposição, mas também em harmonia, dependendo do contexto. Trata-se da relação de um encontro pleno entre o Ego e o Outro, no qual os símbolos podem ser elaborados até o máximo de seu potencial metafórico, e portanto necessitam a extensão plena da elaboração simbólica permitida pelo princípio de sincronicidade. (BYINGTON, 1987, p. 26)

O *Eu*, frustrado, se vê sem resposta e por isso se abre para esse *Outro*, num pedido de ajuda, de complementação (antagonismos). Formando as relações antagonicas: Eu X Outro, Homem X Natureza e Sucesso X Fracasso, a alteridade, segundo Byington (Ibid, p. 68), é o “apogeu da atividade artística, científica, religiosa e poética do ser humano.”

Em O Bom Dragão, Azulino assume um percurso dinâmico em busca de sua alteridade; essa trajetória, não possibilita apenas considerar a posição do *Outro*, o *não-Eu*, mas também, assimilar todas as polaridades, integrando os opostos. O ato heroico que individualiza o dragãozinho bom perpassa por um caminho íngreme sem se render a qualquer vontade do outro, não é uma rendição e sim uma integração.

O fechamento desse ciclo no conto está justamente quando Azulino – o *Eu*, não vê o *Outro* como ameaça, e sim como parte complementar de seu ser. Não há padrões que sejam seguidos ou tidos com corretos na sociedade – a floresta, e sim pensamentos e forças que se unem e lutam por uma plenitude na convivência. Portanto, não há cultura que sobreponha a outra, o *Eu*, fortalecido, abre-se ao *Outro* de forma respeitosa, e por essa via – a do respeito, Azulino se reconhece como autor de sua biografia e é reconhecido pelos demais.

Considerações finais

Contando com uma exímia tecitura, O Bom Dragão nos faz passear pelo mundo fantástico da fantasia, que tem como pano de fundo uma floresta. Esse mundo encantado está repleto de seres comuns, mas de feitos mágicos que fazem coisas extraordinárias que, no mundo que conhecemos, não seria possível. Eis um dos aspectos fantásticos do texto.

O passeio pelo simbólico e suas representações inicia quando Azulino tem um sonho, nesse sonho tem ele uma revelação. O sonho, segundo Jung (2000, p. 33):

É o resíduo de uma atividade que se exerce durante o sono. [...] É um produto involuntário, espontâneo do inconsciente e se expressa por uma

linguagem simbólica. [...] É a fotografia nua e crua da realidade psíquica de um indivíduo, em determinado momento. [...] Todos os sonhos são compensatórios, visam estabelecer o equilíbrio psíquico normal e são autorreguladores de posições unilaterais da consciência ou demasiado antinaturais, estabelecendo uma dialética entre consciente e inconsciente, que caracteriza a dinâmica da vida psíquica.

Pensando no caráter compensatório do sonho, infere-se que através deste Azulino teve uma epifania que o levou à sua jornada. Nessa jornada Azulino fez um trajeto heroico, não apenas em busca de um grande prêmio material, mas de salvar as vidas de seus irmãos que, mesmo sem lograr êxito, ainda assim, Azulino venceu seus medos e conquistou sua alteridade e liberdade de ser e sentir a si e o outro.

Quanto às cores dos dragões, irmãos de Azulino, os dragões Vermelho, Amarelo e Verde, nos alude a um ciclo das cores que inicia pelo Dragão Amarelo (Mostarda), representando a terra; o Dragão Verde (Cebola), representa a natureza, os frutos da mãe-terra, a vida; O Dragão Vermelho (Pimenta), representando o sangue, o fogo, portanto uma purificação até chegar à cor azul, que representada pelo Azulino, é a cor mais profunda, é a cor do céu, lugar onde vai Azulino depois de sua jornada, acumulando suas renúncias e passividade em aceitar a vida nova.

Desse modo o ciclo das cores está completo: parte do amarelo, do pó – nossa matéria-prima; pelo verde que manifesta o contato com a natureza, com viver; a purificação pelo fogo (vermelho), para, então, ser assunto ao céu:

Azul (liberdade, plenitude)

Vermelho (fogo, purificação)↗

Verde (vida, natureza, esperança)↗

Amarelo (pó, matéria-prima)↗

Outro elemento que é importantes ressaltar nesse conto, é a figura do dragão. Para Chevalier e Geerbrant (2006, p. 351), o dragão é:

Imagem arcaica das energias mais primitivas, o dragão representa o inconsciente durante tanto tempo enquanto não possuímos acesso a ele, onde as paixões os complexos inconscientes, os desejos ocultos conduzem a uma vida arcaica. Isto que se explica a fundo com os poderes do psiquismo, que luta com o dragão, pode recuperar uma parte das energias inconscientes que pode utilizar para dominar sua vida. – A luta com o dragão é um símbolo

do amadurecimento [...] então, ele terá ganho o tesouro que os dragões guardam em quase todas as mitologias. Libertará sua alma, esta virgem que o dragão mantinha prisioneira. Como símbolo demoníaco, o dragão se identifica, na realidade, com a serpente.

Azulino, o Dragão Azul, aprende novas lições a cada página, essa aprendizagem o leva ao amadurecimento e, conseqüentemente, conclui o ciclo de sua vida heroicamente, pois a liberdade vem com a sabedoria. O herói tem conhecimento de seu lado negativo e destruidor, sua dualidade é consciente, mas ele insiste em lutar contra essa natureza, há conflitos e dessa celeuma tira forças para triunfar entendendo suas trevas.

Ainda, pensando no subconsciente, notamos que os lugares onde estão escondidas as prendas que o “ser superior” pediu aos dragões estão dispostas de cima para baixo: no alto de uma montanha, no centro da terra e no fundo de uma lagoa. Podemos fazer uma leitura de que, ao contrário do caminho que Azulino faz até sua assunção – (do pó às alturas; inferior ao superior), começa de cima para baixo, ou de fora para dentro; isso nos refere o olhar de fora para dentro, para se autoconhecer e, em seguida, perceber que o que está dentro, no nosso interior – nossa pérola negra, e o que pode não pode ser visto por todos, é o que mais nos assusta, nos deixa nas trevas e isso temos que assimilar, conhecer e pegar para si, numa forma de aceitação de nossas trevas para exercermos nossa alteridade.

Como vimos, a simbologia é um aspecto que não passa em branco nesse conto. Há uma fonte riquíssima de símbolos que nos remete à profundidade de nosso *ser*, para dentro de si, e traz à tona uma reflexão de como estamos sujeitos aos padrões sociais, de como somos rotulados e rotuláveis ao mesmo tempo. Uma reflexão pelos nossos medos que nos envia à angústia de conhecer a si mesmo e nesse processo, reconhecer, o outro, também.

Pensado para o público infantil juvenil, O Bom Dragão, também, traz nuances que povoam as angústias da fase adulta do homem, dignas de autorreflexão, conhecimento e deleite.

Referências

BYINGTON, C. *Desenvolvimento da Personalidade*. São Paulo, Ática, 1987.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, ed. 10ª, 1997.

CHEVALIER, J.; GHEERBRAT, A. *Dicionário de Símbolos*. 10.ed. Rio de Janeiro, José Olímpio editores, 2006.

JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARQUES, P. S. O Bom Dragão. In.: *Prêmio SESC de Contos Infantis Monteiro Lobato: coletânea de contos infantis: edição 2010*. – Brasília: SESC DF, 2010.

SARTRE, J-P. *O ser e o nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1999.

TODOROV, T. *Introdução à Literatura Fantástica*. Tradução: Maria Clara Correa Castello. – São Paulo: Perspectiva, 2008.

ARCHETYPES, HEROISM AND ALTERITY IN THE GOOD DRAGON, BY SANTIAGO VILLELA MARQUES

ABSTRACT

This article aims to analyze and identify in the short story O Bom Dragão, by Santiago Villela Marques, the journey of the Azulino dragon-hero in search of his otherness in the light of Campbell's theory, as well as the archetypes that make up the tale. Jung's studies on archetypes will help us to point out how this facet of the collective unconscious is constituted in the weaving of the story.

Keywords: The Good Dragon, otherness, heroism, Santiago Villela Marques.

Recebido em: 24/02/2019.

Aprovado em: 17/04/2019.